

O outro lado do Jazz em Agosto

Crítica de Jazz

De 3 a 12 de Agosto
Fundação Calouste Gulbenkian /
Teatro do Bairro, Lisboa.
Salas cheias

Nuova Camerata

★★★★★

TrioVD

★★★★★

Das Kapital

★★★★★

Matthew Shipp Trio

★★★★★

Marilyn Crispell & Gerry Hemingway

★★★★★

Ingebrit Haker Flaten Chicago Sextet

★★★★★

Tendo arrancado no dia 3 de Agosto, o Jazz em Agosto apresentou no seu primeiro fim-de-semana actuações de Sunny Murray, Led Bib e Misha Mengelberg & Evan Parker. A partir de dia 7 o festival mudou-se temporariamente para o Bairro Alto e prosseguiu com três concertos no Teatro do Bairro. Nessa terça-feira subiu ao palco o grupo português Nuova Camerata, formação invulgar que reuniu marimba (Pedro Carneiro) e quatro cordofones (Carlos Zingaro, João Ca-

mões, Ulrich Mitzlaff e Miguel Leiria Pereira). O quinteto trabalhou uma música distinta, de raiz camarística e ancorada na improvisação, desenvolvendo uma intensa comunicação instrumental.

Pelo mesmo palco passou na quarta-feira o trioVD, apresentando uma improvisação de cariz rock, uma música enérgica sempre ligada à electricidade. O festival despediu-se do Teatro do Bairro com o trio Das Kapital, que apresentou interpretações abertas, formato jazz, de composições de Hanns Eisler. Hasse Poulsen (guitarra versátil), Daniel Erdmann (saxofone competente) e Edward Perraud (bateria espalhafatosas) deram nova vida a temas antigos, num concerto que teve um inevitável sabor político – foram interpretados o hino da República Democrática Alemã e até *A Internacional*. Após cada um dos concertos, o Teatro do Bairro contou ainda com a prestação dos DJ UNDJMMNNRRRRG, eRikm e DJ Sniff.

De regresso ao anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian, na sexta-feira, o Jazz em Agosto continuou com a actuação do trio do pianista Matthew Shipp. Das mãos de Shipp brotava uma imparável torrente de ideias, uma tempestade de notas que se espalhavam e enchiam o espaço todo. A altíssima intensidade do piano era bem acompanhada pela dupla rítmica formada por Michael Bisio (contrabaixo) e Whit Dickey (bateria).

Para a noite de sábado ficou reservada uma das mais memoráveis noites de música da edição deste ano

do festival. O duo de Marilyn Crispell (piano) e Gerry Hemingway (bateria, percussão, vibrafone, marimba) foi responsável por um perfeito diálogo musical assente na improvisação: além de demonstrarem um absoluto domínio dos seus instrumentos, Crispell e Hemingway revelaram uma ligação quase telepática. Tendo trabalhado em conjunto desde a altura em que integraram o quarteto de Anthony Braxton (talvez o mais sólido grupo da carreira do saxofonista), Marilyn e Gerry desenvolveram uma relação musical fortíssima. Ganhou a música, fruto do magnífico entendimento entre o piano delicado e laboriosamente detalhado de Crispell (que nunca perdia o sentido melódico nem coerência harmónica) e a percussão apurada até ao pormenor de Hemingway (que além da bateria se serviu do vibrafone e da marimba, sempre impecável). Elegante, refinada, riquíssima, a música da dupla resultava da união de poesia e liberdade.

O festival encerrou com o Chicago Sextet liderado por Ingebrit Haker Flaten. O contrabaixista norueguês trouxe um conjunto de parceiros de Chicago para trabalhar uma música que bebia referências diversas (rock, hardbop, groove, até pozinhos de música de câmara), embora o resultado soasse brusco, pouco fluído. Sobrou espaço para alguns momentos individuais, nomeadamente do saxofone de Dave Rempis ou do vibrafone de Jason Adasiewicz.

Nuno Catarino



O duo de Marilyn Crispell (piano) e Gerry Hemingway fez um perfeito diálogo assente na improvisação

NUNO MARTINS